

O primeiro museu e as pioneiras intervenções de restauro em Ouro Preto: Vicente Racioppi e Gustavo Barroso

Marco Antonio Leite Brandão^{1,*}, Célio Machado Alves²

¹Graduando em Museologia. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil

² Professor do Curso de Museologia. Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil

*E-mail do autor correspondente: marco.brandao@aluno.ufop.edu.br

Submetido em: 28 abr. 2023. Aceito em: 20 jun. 2023

Resumo

O primeiro museu ouro-pretano, criado por Vicente Racioppi (1886-1973), junto ao Instituto Histórico e Geográfico de Ouro Preto (IHOP), é um fato pouco conhecido e destacado, apesar de ser uma página singular da história local. A “Casa de Gonzaga” que sedia o Arquivo Municipal de Ouro Preto (AMOP) e a Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio de Ouro Preto (STICOP) ocupa atualmente as instalações onde o IHOP e o 1º museu ouro-pretano foram instalados e não informa qualquer referência sobre este fato. E trata-se de um dos “lugares de memória” do Centro Histórico de Ouro Preto muito visitado pelos turistas tendo como referência a perenidade da referência ao poema “Marília de Dirceu”, escrito pelo inconfidente Tomas Antonio Gonzaga (1744-1810), clássico da literatura brasileira; e pelos pesquisadores que se valem do acervo do AMOP. Contemporâneo a Racioppi tem-se a atuação de Gustavo Barroso (1888-1959) que efetivamente implementa na “cidade sagrada” pioneiras intervenções governamentais (estadual e federal) de preservação do patrimônio histórico. Também o governo municipal de João Veloso (1860-1954) tomou pioneiras medidas legais para a preservação. O objetivo deste trabalho é revisitar este fato e apresentar como sugestão a criação de uma exposição permanente na “Casa de Gonzaga”, através das inúmeras fotos existentes que ilustram este artigo, e assim, além de se criar mais uma “atração”, valorizar ainda mais aquele edifício-ícone de Ouro Preto.

Palavras-chave: Ouro Preto, Gustavo Barroso, Vicente Racioppi, Primeiro Museu de Ouro Preto, Políticas Públicas de Preservação.

Abstract

The first museum and the pioneering restoration interventions in Ouro Preto: Vicente Racioppi and Gustavo Barroso

The first museum in Ouro Preto, created by Vicente Racioppi (1886-1973) in conjunction with the Historical and Geographical Institute of Ouro Preto (IHOP), is a little-known and under-appreciated fact, although a singular page of the local history. The "Casa de Gonzaga," which currently houses the Municipal Archive of Ouro Preto (AMOP) and the Tourism, Industry, and Commerce Secretariat (STICOP), occupies the premises where the IHOP and the 1st Ouro Preto museum were installed, yet it provides no reference to this fact. It is one of the "places of memory" in Ouro Preto's Historical Center most visited by tourists, referencing the

perennial poem "Marília de Dirceu," written by the inconfident Tomas Antonio Gonzaga (1744-1810), a classic of Brazilian literature, and by researchers who use the AMOP collection. Contemporaneous with Racioppi was the work of Gustavo Barroso (1888-1959), who effectively implemented pioneering government interventions (state and federal) in the "sacred city" for the preservation of its historical heritage. The municipal government of João Veloso (1860-1954) also took pioneering legal measures for preservation. The aim of this study is to revisit this fact and suggest the creation of a permanent exhibition in the "Casa de Gonzaga," using the numerous existing photos that illustrate this article, to create another "attraction" and further enhance the iconic building of Ouro Preto.

Keywords: Ouro Preto, Gustavo Barroso, Vicente Racioppi, First Museum of Ouro Preto, Public Preservation Policies.

Introdução

Gustavo Barroso e a “Cidade Sagrada”

Gustavo Barroso (1888-1959) que desde a criação em 1922 a 1958 (salvo período 1930-1932) fundou e dirigiu o Museu Histórico Nacional (MHN), organizado para os festejos do Centenário da Independência (1822-1922), foi o responsável pelas primeiras medidas efetivas de restauração do patrimônio histórico ouro-pretano (edificações) que se realizaram em 1928-1929 com apoio do governo estadual; e federal de 1935-1937 (OLIVEIRA, 2003; MAGALHÃES, 2017; CHAGAS, 2009; CERQUEIRA, 2010). Sobre a cidade Gustavo Barroso (BARROSO, 1955, p.12) destaca:

“A beleza de Ouro Preto está mais na propriedade de seu conjunto arquitetural de seus edifícios, na síntese de uma época (..) do que mesmo na riqueza de seus monumentos. Não há no mundo toda uma dúzia de cidades que, assim, tenham permanecido imutáveis, fiéis à sua saudade. As circunstâncias do tempo favoreceram-na e pode nossa Pátria custodiar no seu seio esse padrão do que foi a energia construtiva dos criadores do Brasil.

Mais do que Guimarães em Portugal, Ávila dos Cavaleiros na Espanha, Avinhão ou Carcassona na França, Nurembérgia na

Alemanha, Ravena ou Galera na Itália, cidades adormecidas ou mortas, Ouro Preto me atrai e me fascina, porque ali não é só o passado que sinto, palpo e respiro, porém o passado de minha raça e o passado de minha língua [p.129] Ouro Preto é uma cidade sagrada pela história, pela arte, pela tradição e pela lenda. É um nobre patrimônio que se não pode perder”

Sobre as cidades citadas registre-se que o centro histórico de Guimarães foi tombado pela UNESCO em 2001 e o de Avinhão em 1995; Ávila dos Cavaleiros em 1993 e Carcassone em 1997, exemplos de cidades fortificadas na Idade Média; Ravena, última capital do Império Romano do Ocidente e nicho de monumentos paleocristãos, em 1996. Ou seja, Gustavo Barroso estava a par de importantes sítios históricos europeus que, como Ouro Preto em 1980, foram tombados como “Patrimônio Cultural da Humanidade”.

Em 1912 publica “A Cidade Sagrada” no “Correio da Manhã” (RJ) e em 1922 é crível que tenha articulado a aquisição da “Casa de Gonzaga” (página a ser esclarecida), atualmente sede da Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio e do Arquivo Municipal, um dos edifícios ícones do centro histórico de Ouro Preto. Aberto à visitação pública, mantém sala dedicada a exposições. O par Tomás Antonio Gonzaga (1744-

1810, “Dirceu”) e Maria Doroteia Joaquina de Seixas Brandão (1767-1853, “Marília”) ronda o edifício e ilustra o imaginário dos que o visitam. O autor de “Marília de Dirceu” aí residiu quando exerceu as funções de Ouvidor Geral (1782-1786) da Comarca de Vila Rica. Já dirigindo o MHN retorna em 1926 e 1928 (LIMA, 2015, p.180).

O bicentenário da independência do Brasil (1822-1922) foi bastante celebrado em Ouro Preto. Lúcio José dos Santos (1875-1944, aluno (1896-1900) e professor (1901-1913) da Escola de Minas de Ouro Preto (EMOP), vereador (1896-1907) e prefeito (1908-1911) de Ouro Preto e Diretor (1924-1927) de Instrução Pública de MG, reitor (1931-1933) da Universidade de Minas Gerais, publica em 1927 (escrita em 1922), “Inconfidência Mineira – o papel de Tiradentes”, estudo biográfico sob cânones acadêmicos sobre Joaquim José da Silva Xavier (1744-1792, Tiradentes). A Escola de Minas tem destacada atuação na organização de evento sobre mineralogia na Exposição Universal na capital (RJ), inaugurada em 07 de setembro de 1922. Além disso, houve aquisição pelo governo federal da “Casa de Gonzaga”.

Nos Anais do Museu Histórico Nacional (v.V, 1955, p.5-6) lê-se sobre o início da atuação efetiva de Gustavo Barroso em Ouro Preto:

“A ideia nasceu da visita que, em agosto de 1926, o Diretor do Museu Histórico, Dr. Gustavo Barroso, de volta dos festejos da transferência da gloriosa bandeira do 17º Batalhão de Voluntários da Sé de Mariana para o Museu Arquiepiscopal da mesma cidade, fez a Ouro Preto, cujo abandono era na verdade de lamentar. Impressionado com o estado da velha metrópole das Minas, voltou à mesma em 1928 e procurou com o mais vivo empenho, interessar na restauração da cidade o governo do Estado”.

O presidente (1926-1930) do Estado de

Minas Gerais, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada (1870-1946), após solicitação de Gustavo Barroso, efetivamente disponibiliza recursos para as restaurações. Em artigo publicado (03/11/1928) no “Correio da Manhã”, Barroso (1955, p.13) registra:

“Felizmente, o Governo de Minas Gerais já compreendeu a urgente necessidade de tornar efetiva essa proteção. O Sr. Melo Viana facilitou meios de ser salva da ruína a mais bela obra do Aleijadinho: S. Francisco de Assis. E o Sr. Antonio Carlos poderá ser chamado sem lisonja o primeiro protetor daquela velha cidade. Confrangido pelo estado de abandono de seus edifícios, que talvez há um século não recebessem um concerto, após uma de minhas visitas a Ouro Preto, procurei, como amigo particular, o Presidente de Minas e expus-lhe a mísera situação das igrejas e outros vestígios de nossa antiga arte de construir, de entalhar e de pintar. Apelei para a sua cultura e para o seu patriotismo. O Sr. Antonio Carlos ficou tão preocupado quanto eu e imediatamente providenciou para a salvação do Patrimônio Histórico, Artístico e Tradicional do seu grande Estado. Desta sorte, graças a S. Ex.^a, em Ouro Preto se fizeram restauros sob a carinhosa direção do então Prefeito, Dr. João Veloso, orientado por mim. Quase todos os seus maravilhosos chafarizes se curaram das feridas do abandono e do tempo, sem que a obra de restauração tivesse ofendido o seu estilo e as suas características essenciais (...) [p.14] Ouro Preto é a cidade sagrada pela história, pela arte, pela tradição e pela lenda. É um nobre patrimônio que se não pode perder. E demos graças a Deus que o Sr. Antonio Carlos tenha compreendido isso”

Avalia Barroso (1955, p.13):

“Quase todos os seus maravilhosos chafarizes se curaram das feridas do abandono e do tempo, sem que a obra da restauração tivesse ofendido o seu estilo e as suas características essenciais. Os trabalhos se estenderam aos templos do Rosário, do Carmo e à matriz de Nossa Senhora do Pilar. Foi verdadeiramente confortador para os que amam as nossas coisas e não descreem do nosso futuro”

Destaca Lima (2015, p.180):

“Gustavo Barroso esteve em Ouro Preto três vezes entre as décadas de 1910 e 1920. A primeira, em 1910, quando trabalhava “em serviços ferroviários entre Congonhas e o Fecho do Funil”, mas, como escreveu, “ainda não tinha olhos capazes de ver e admirar aquele relicário arquitetural”. Posteriormente, em 1926 e 1928, já em outra situação, ele pisou na cidade investido do cargo de Diretor do Museu Histórico Nacional [p.193] As obras realizadas em Ouro Preto pela dupla Antônio Carlos e Gustavo Barroso tiveram um impacto sobre a Câmara Municipal, que a partir de 1929 passou a incorporar as ações relativas à preservação do patrimônio entre os assuntos debatidos nas sessões dos vereadores”

Nesse processo Gustavo Barroso, que críticas a algumas intervenções, percebe a necessidade de formação técnicos e mão-de-obra especializados em obras destinadas ao restauro e preservação (BARROSO, 1955; SORGINE, 2008; MAGALHÃES, 2017). Em 1934 organiza a IMN (Inspetoria de Monumentos Nacionais), órgão do MHN (Museu Histórico Nacional). Em 1935 implementa o “Planode Restauro de Ouro Preto”.

Concomitantemente verifica-se um movimento endógeno que se mobiliza. O advogado Vicente Racioppi (1866-1970) e o

prefeito João Veloso (1860-1954) passam a atuar com afinco. É criado o IHOP (Instituto Histórico de Ouro Preto) que passa a ocupar o edifício “Casa de Gonzaga” (Figuras 1, 2, 3), pertencente ao governo federal, adquirido em 1922, por ocasião dos festejos do Centenário (1822-1922) da Independência.

Vicente de Andrade Racioppi - Fundador do IHOP e do 1º museu de Ouro Preto

Em meados da década de 20 verifica-se também um movimento endógeno que se mobiliza intensamente para valorização e divulgação do patrimônio histórico e cultural ouro-pretano. O prefeito (1928-1936) João Batista Ferreira Veloso (1860-1954) e o IHOP-Instituto Histórico de Ouro Preto (1931-1937), organizado por Vicente de Andrade Racioppi (1886-1973), Gastão Penalva (1887- 1944) e Paulo José Pires Brandão (1884-1953) desenvolvem atividades tendo como foco a Inconfidência Mineira (1789) e Tiradentes (1734-1792); o escultor Antonio Francisco Lisboa (1730- 1814, Aleijadinho); o escritor ouro-pretano Bernardo Guimarães (1824-1884), autor de “A Escrava Isaura”; “Visconde Ouro Preto”, porta-voz da monarquia. (Figuras 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11). No Termo de Fundação do IHOP lê-se:

“Aos vinte e nove dias do mês de agosto de MCMXXXI, 220.º da ereção da Vila Rica d’ Albuquerque e 117.º da morte de Mestre Aleijadinho, neste Arraial das minas de ouro preto, no qual, junto como de Antonio Dias, se levantou, em 8 de julho de MDCCXI, a Vila Rica de Nossa Senhora do Pilar e Albuquerque mais tarde Imperial Cidade de Ouro Preto, portal havida e reconhecida em memória e reconhecimento de relevantes serviços prestados à causa sagrada da

Liberdade e Independência do Império do Brasil pela Província de Minas Gerais, de que era Capital (..) em a casa de morada do bacharel formado em Leis Vicente de Andrade Racioppi, à rua Direita número quarenta e seis achando-se presentes (..) o escritor Gastão Penalva e o bacharel formado em Leis Paulo José Pires Brandão, estes dois últimos moradores no Rio de Janeiro, assentaram os sobreditos em que fosse fundado nesta cidade o INSTITUTO HISTÓRICO DE OURO PRETO, em memória do 201.º aniversário de Antonio Francisco Lisboa, ao Aleijadinho, patrono da Instituição, que terá (..) logo escolhidos Presidentes de Honra o Presidente da República, em cujo Governo Provisório assiste o Doutor Getúlio Vargas; o Presidente desta Província das Minas Gerais e o Arcebispo de Mariana (...) Dom Helvécio Gomes de

Oliveira; Presidente efetivo o Presidente da Câmara Municipal de Ouro Preto; secretário geral o Doutor Vicente de Andrade Racioppi e sócios fundadores os sobredito Senhores da Junta e mais o Doutor João Batista Ferreira Veloso, médico, morador da cidade (..) Sairão eleitos congregados, a todos os votos, além dos demais letrados que no futuro serão escolhidos, como mais capazes, deste País e do Estrangeiro, com tal eficiência que possam exercer os seus cargos com a maior atenção (..) Foi adotada esta divisa do Instituto Histórico de Ouro Preto: 'Quem não amar o passado não entre' In: Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, Tomo XXXVII, 1.º sem, pp.28-30, 1933. Conferência de Paulo José Pires Brandão realizado na Sociedade Brasileira de Geografia em 07/10/1931”



Figura 1. Solenidade de fundação do IHOP em 29.08.1931. Foto Luiz Fontana.

Fonte: Acervo AFFM IFAC-UFOP.



Figura 2. Reunião IHOP em 29/08/1932. Completa três anos de existência da entidade. Foto de Luiz Fontana. 29.08.1932.

Fonte: Acervo AFFM IFAC-UFOP.

Organiza-se o primeiro museu de Ouro Preto na sede do IHOP cujo acervo foi organizado por Vicente Racioppi (Figuras 1, 2, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 24, 25). Em 1938 o IHOP/Museu recebe visita de Getúlio Vargas (Figuras 24, 25, 26, 27), episódio registrado em “Estudantes do Rio Grande do Sul em Ouro Preto” (Figura 18), trabalho publicado em 1940 (RACIOPPI, 1940). Williams (2003, p.21) informa um acervo de cerca de 240 peças, posteriormente adquirido e incorporado ao Museu da Inconfidência (MI) pelo SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Dentre os objetos do acervo a Coluna Saldanha Marinho (Figura 4) que foi instalada na

Praça Independência (atual Tiradentes) em 1867 pelo então Presidente da Província de Minas Gerais, primeira homenagem aos Inconfidentes. Encaminhada para instalação na Praça Tiradentes em Belo Horizonte, fato que não ocorreu, ficou alocada em depósito na capital mineira. Redescoberta em 1980, foi instalada na Praça Cesário Alvim, rotatória de acesso à Estação Ferroviária (trem turístico Ouro Preto–Mariana). A placa de ferro original encontra-se em exposição permanente do Museu da Inconfidência. As fotografias a seguir ilustram esse contexto.



Figura 3. “Casa de Gonzaga”, sede do Instituto Histórico de Ouro Preto (IHOP) e do 1º Museu de Ouro Preto. Foto Luiz Fontana.

Fonte: Acervo AFFM IFAC-UFOP.

Figura 4. Coluna Saldanha Marinho. Integra acervo de museu instalado no IHOP/Museu na “Casa de Gonzaga”. Foto Luiz Fontana.
Fonte: Acervo AFMM IFAC-UFOP.



Figura 5. Grande parada em homenagem ao Protomártir da Inconfidência. Foto Luiz Fontana, 21/04/1929.

Fonte: Acervo AFMM IFAC-UFOP.



Figura 6. Grande parada em homenagem ao Protomártir da Inconfidência. Foto Luiz Fontana. 21.04.1929.

Fonte: Acervo AFMM IFAC-UFOP.



Figura 7. Solenidade Bicentenário de ALEIJADINHO. Foto: Luiz Fontana. 29-8-30.

Fonte: Acervo AFMM IFAC-UFOP.



Figura 8. Inauguração do Mausoléu de Bernardo Guimarães (1829-1884). Foto: Luiz Fontana. 31/08/1930.
Fonte: Acervo AFMM IFAC-UFOP.



Figura 9. Solenidade de inauguração da placa da “Rua do Aleijadinho”. Racioppi discursa. Foto Luiz Fontana.
Fonte: Acervo AFMM IFAC-UFOP.



Figura 10. Solenidade de inauguração de placa da Rua do Aleijadinho". Foto Luiz Fontana. 29-8-31.
Fonte: Acervo AFMM IFAC-UFOP.



Figura 11. Romaria à sepultura de Aleijadinho. Igreja N. S. Conceição (Bairro Antonio Dias). Foto Luiz Fontana. 29-8-31.

Fonte: Acervo AFMM IFAC-UFOP.



Figura 12. Encontro no IHOP/Museu. 1934. Foto NI.
Fonte: Acervo Família Racioppi.



Figura 13. Vicente Racioppi em Ouro Preto. Foto NI.
Fonte: Acervo Família Racioppi.



Figura 14. Casa de Gonzaga. Sede do Instituto Histórico de Ouro Preto. Racioppi em Ouro Preto. Foto NI. Fonte: Acervo Família Racioppi.



Figura 15. Inauguração placa Casa Visconde de Ouro Preto. Foto Luiz Fontana, 12/10/1936. Fonte: Acervo AFMM IFAC-UFOP.

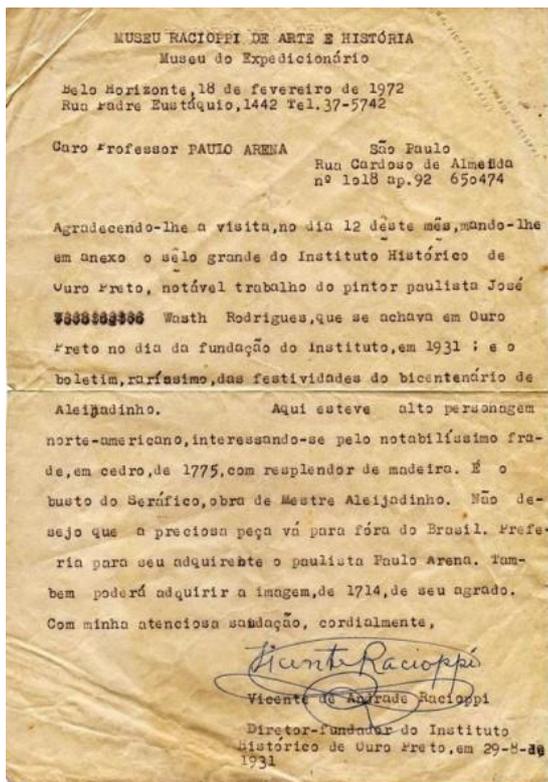


Figura 16. Carta (18.02.1972) de Racioppi informa existência do “Museu Racioppi de Arte e História” em Belo Horizonte.

Fonte: Ambiente Legal (www.ambientelegal.com.br/vicente-racioppi-e-seu-aleijadinho/). Reprodução.

Esse grupo vai ser subsumido pela hegemonia consolidada no SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) criado em 1937 e sob a direção de Rodrigo Mello Franco de Andrade (1898-1969), que organiza o Museu da Inconfidência. Parte do acervo do Museu instalado no IHOP é adquirido pelo Museu da Inconfidência.



Figura 18. Vicente Racioppi (1886-1973). Capa do livro “Estudantes do Rio Grande do Sul em Ouro Preto”, 1940.

Fonte: Acervo Marco Brandão.



Figura 17. Aspecto-de-painel-do-museu-vicente-racioppi-de-artes-e-historia-homenageando-o-expedicionario-mineiro-celso-racioppi.

Fonte: Acervo CPDOC-FGV (www18.fgv.br/cpdoc). Reprodução.

Em 1933 Ouro Preto recebe a visita de comitiva do “Instituto Pan Americano de História e Geografia” (RJ) que sugere o título de “Cidade Monumento” (Figura 19). A petição, encaminhada por Gustavo de Lima Jr, é aprovada oficialmente pelo governo federal (12/07/1933). O fotógrafo Luiz Fontana passa a registrar suas fotos com o honorífico atribuído a Ouro Preto (Figuras 20, 21).



Figura 19. Estação Ferroviária de Ouro Preto. Visita de comitiva do Instituto Pan Americano de Geografia e História/RJ. Foto Luiz Fontana, 1933, Fonte: Acervo AFMM IFAC-UFOP.



Figura 20. Foto Postal informa “Cidade Monumento Nacional”, oficializado em 1933 . Foto Luiz Fontana. Fonte: Acervo AFMM IFAC-UFOP.



Figura 21. Foto Postal informa “Cidade Monumento Nacional”. Ouro Preto por ocasião da existência do IHOP e 1º Museu. 1936. Foto Luiz Fontana. Fonte: Acervo AFMM IFAC-UFOP.

Gustavo Barroso na inspetoria de monumentos nacionais

Em 1934, com seu retorno (afastado 1932-1934) ao cargo de diretor do MHN (1934-1937), Gustavo Barroso (Figuras 22, 29) articula a criação de um órgão capaz de ter acesso a recursos públicos e de desenvolver instrumental jurídico de proteção e conservação do Patrimônio Histórico e Artístico, a IMN (Inspetoria dos Monumentos Nacionais, criado pelo Decreto nº 24375/11.07.1934) que:

“Para os fins de inspeção organizará um catálogo de edifícios de assinalado valor e interesse artístico-histórico existentes no país, propondo ao governo Federal os que se devam declarar, em decreto, Monumentos Nacionais; e entrará em entendimento com os governos dos Estados, no sentido de se uniformizar a legislação sobre a proteção e conservação dos Monumentos Nacionais, guarda e fiscalização dos objetos histórico-artísticos, de maneira a caber aos Estados os encargos desse serviço nos respectivos territórios”



Figura 22. Gustavo Barroso (1888-1959). Acervo ABL (Academia Brasileira de Letras). Acesso 15/03/2023. Reprodução.

Fonte: Acervo ABL (Academia Brasileira de Letras). Reprodução.

Lê-se no Anuário do Museu Histórico Nacional (1955):

“De 1934 a 1937 o dirigiu gratuitamente, não recebendo dos cofres públicos nem sequer passagens para ir fiscalizar em Minas Gerais obras a seu cargo. Esse órgão, intitulado Inspetoria de Monumentos Nacionais, teve no decurso de sua trabalhosa existência a verba total de 200 mil cruzeiros, sendo num ano 100 mil e nos dois restantes 50 mil em cada um. Com essa relativamente módica importância, realizou a restauração de quase todos os templos, pontes e chafarizes tradicionais de Ouro Preto”

Entre 1935 e 1937 realizaram-se inúmeras obras de restauração em Ouro Preto. O “Documentário da Ação do Museu Histórico

Nacional na defesa do Patrimônio Tradicional do Brasil” apresenta detalhada descrição das intervenções, os orçamentos e as ações empreendidas por Gustavo Barroso. E apresenta uma exegese de sua atuação. No total 33 monumentos restaurados: 6 pontes, 18 chafarizes e 9 igrejas. O representante da IMN é o engenheiro (formado pela Escola de Minas) Epaminondas de Macedo (?-?), na ocasião funcionário do Ministério da Viação que trabalhava na agência dos Correios e Telégrafos (WILLIAMS, 2003, p.12). Epaminondas Macedo posteriormente seria o “guia” do poeta Manoel Bandeira (1886-1968) que visita Ouro Preto (a pedido do SPHAN) e que resulta na publicação (1938) de “Guia de Ouro Preto”, no qual é citado.

O prefeito João Veloso atuou como intermediário entre o engenheiro e Gustavo Barroso e, conforme carta de 13 de junho de 1935 (BARROSO, 1955, p.20), registra:

“Prezado amigo, Dr. Gustavo Barroso. Minhas atenciosas saudações. Esperei que o Dr. passasse por aqui antes de regressar para o Rio, pois me havia prometido vir brevemente a Ouro Preto para estudar as condições de conservação dos nossos monumentos artísticos; lamento profundamente que assim não tenha sido e estou certo de que motivos imperiosos o impediram de fazer. Fui procurado pelo Engenheiro Epaminondas Rodrigues de Macedo, que se mostra desejoso de ser

encarregado da execução dos serviços reclamados para conservação daqueles monumentos, e disse-me que irá para o Rio para entender-se com o Sr. sobre este assunto. Respondi-lhe que ao Dr. Barroso compete qualquer solução sobre esse negócio. De viva voz eu diria francamente ao Sr. O meu conceito, isto é, sobre a conveniência de contratar-se profissional para executar os mencionados serviços; mas o Sr. resolverá como melhor entender; somente o que todos nós desejamos é que o Sr. aproveite toda a verba concedida. Agora não sei quando terei terei a ventura de vê-lo aqui entre os nossos monumentos artísticos e nossas alterosas montanhas. Com a mais elevada estima subscrevo-me, seu am^o e at^o João Veloso”

Em 1937 verificam-se: 1) o distanciamento do grupo endógeno sob Vicente Racioppi (WILLIAMS, 2003, p.21-22); e 2) Gustavo Barroso passa a dedicar-se ao Curso de Museu do MHN. Passa incólume ao fiasco da Intentona Integralista de 1938, embora tenha exercido o cargo de Secretário Geral da AIB (Ação Integralista Brasileira) e ter sido um dos principais propagandistas da agremiação.



Figura 23. Prefeito João Veloso em cuja gestão deram-se pioneiras medidas legislativas de proteção e valorização do patrimônio histórico no Brasil. Foto Luiz Fontana. 27/09/1931.

Fonte: Acervo AFMM IFAC-UFOP.

Visita de Getúlio Vargas (1938): O 1º museu de Ouro Preto / IHOP

Em 1938 Getúlio Vargas visita oficialmente Ouro Preto. Participa da recepção de restos mortais de Inconfidentes e visita o IHOP.



Figura 24. Racioppi apresenta a Getúlio Vargas acervo do IHOP/Museu que seria em grande parte adquirido para integrar coleção do Museu da Inconfidência (1942). Foto NI, 1938.

Fonte: Acervo Arquivo Nacional.



Figura 25. Getúlio Vargas na sede do IHOP (“Casa de Gonzaga”)/1.º Museu de Ouro Preto. Presentes na foto Alzira Vargas, Benedito Valadares, Augusto Lima Jr, Dom Helvécio de Oliveira, Pe João Castilho Barbosa e outros. Foto NI, 1938.

Fonte: Acervo Arquivo Nacional.



Figura 26. Recepção de restos mortais de Inconfidentes. Presentes na foto Alzira Vargas, Benedito Valadares, Augusto Lima Jr, Dom Helvécio de Oliveira, Pe João Castilho Barbosa e outros. Vicente Racioppi não participa deste evento. Foto NI, julho, 1938. D. Helvécio teve grande atuação neste contexto. Havia criado o Museu Arquiepiscopal em Mariana, instalado na Igreja São Pedro dos Clérigos (AMH, 1955, p.8), visitado por Barroso em 1926. E contribuiu para formação do acervo do Museu da Inconfidência.

Fonte: Acervo Arquivo Nacional.



Figura 27. Getúlio Vargas e comitiva percorrem Ouro Preto. Ponte do Xavier, próxima da atual Rodoviária 8 de Julho, em direção da Praça Tiradentes. Foto NI, 1938.

Fonte: Acervo Arquivo Nacional. Reprodução



Figura 28. Ponte Xavier, ao fundo Pico do Itacolomi, símbolo identitário de Ouro Preto. Na foto tem-se o registro do Museu da Inconfidência. Foto Luiz Fontana. sd.

Fonte: Acervo AFFM-UFOP.

Mattos e Mattos (2010) informam que:

“Um aspecto importante a ressaltar é o fato de que esta coleção, conhecida por “coleção Dr. Vicente Racioppi” – composta por 424 objetos agrupados em 164 lotes – faz parte do acervo do Museu da Inconfidência desde 1942, ocasião em que foi vendida pela quantia de 80:695\$000 pelo próprio diretor daquele Instituto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Dentre os objetos, destacam-se peças de mobiliário, imaginária, meios de transporte, indumentária, construção civil, iluminação, armaria, pintura, fotografia e um lote de oito documentos autógrafos dos inconfidentes Joaquim José da Silva Xavier (o Tiradentes), Cláudio Manuel da Costa, Paula Freire de Andrade, José Álvares Maciel e Paschoal da Silva Guimarães. Esse acervo, certamente, incorporou-se à primeira concepção museológica da exposição permanente do museu, que apresentava conjuntos temáticos ordenados de forma decorativa, procurando caracterizar ambientes

domésticos do período colonial. A exposição foi aberta ao público em 1944”

Considerações Finais

Neste trabalho abordou-se o período entre 1922 e 1937 tendo como referências: 1) o ano de 1922, com a aquisição em Ouro Preto pelo governo federal da “Casa de Gonzaga” e criação do MHN (Museu Histórico Nacional/RJ). Destaca-se atuação em relação ao patrimônio histórico e cultural de personalidades locais como Vicente Racioppi, fundador do IHOP (Instituto Histórico de Ouro Preto) e do 1º Museu, e a atuação do prefeito João Veloso; e de Gustavo Barroso, pelo governo federal; 2) o ano de 1937 com destaque à extinção da IMN (Inspetoria dos Monumentos Nacionais), também criado por Gustavo Barroso, órgão responsável pelas restaurações realizadas na “cidade sagrada”. Tem-se a fundação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e o processo de criação do Museu da Inconfidência. Racioppi e Barroso encontram-se subsumidos por um novo grupo sob Rodrigo Mello de Franco Andrade que se tornou hegemônico e porta-voz oficial, através do SPHAN (Serviço de Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), do discurso legitimado sobre as políticas referentes ao Patrimônio Histórico e Artístico no Brasil.

Ouro Preto neste período começa a constituir-se na “Meca do Nacionalismo” e de Identidade Nacional. Poucos meses depois (julho de 1938) da implantação (novembro 1937) do Estado Novo Getúlio Vargas visita Ouro Preto, recepcionando restos mortais de Inconfidentes, acolhidos na Igreja Nossa Senhora da Conceição. Visita o IHOP/1º Museu de Ouro Preto



Figura 29. Gustavo Barroso (de boné) e estudantes visitam Ouro Preto. Neste ano tem-se a inauguração oficial do Museu da Inconfidência. Foto NI, 1944. Seria essa foto registro de participação no evento?

Fonte: Coleção Geraldo Pitaguary. Acervo NUMMUS (Núcleo de Memória da Museologia no Brasil). Reprodução.

Agradecimentos

Família Racioppi/ Maria Luiza Racioppi e Acervo Fotográfico IFAC UFMM.

Willmigton: Scholarly Resources, pp.183-205, 2003. Disponível em <https://faculty.history.umd.edu/Dwilliams/courses/Spring06/HIST471/Racioppi.pdf>. Acesso em: 12/12/2023.

Referências

BARROSO, Gustavo. A Cidade Sagrada. *In: Anais do Museu Histórico Nacional*, Vol. V. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1955. p.10-14, 1944.

CERQUEIRA, Érika de Moraes, **Cultuando a saudade: o conceito de história em Gustavo Barroso**. XIV Encontro Nacional da Associação Nacional de História-Rio, UNIRIO, Rio de Janeiro, 19-23 de julho de 2010. Disponível em: www.encontro2010.rjanpuh.org. Acesso em: 15/1/2023.

CHAGAS, Mário. **“A imaginação Social”: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**”, Rio de Janeiro : MinC/IBRAM, Coleção Museu, memória e cidadania, 2009. Disponível em: mariochagas.com/wp-content/uploads/2021/03/58imaginação.pdf. Acesso em: 20/01/2023.

LIMA, Kleverson Teodoro de. **“Ouro Preto”: da cidade-memória à cidade-monumento (1897-1937)**, 2015. Dissertação (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. Disponível em: historia.fafich.ufmg.br/desfesas/172.PDF. Acesso em 15/01/2023.

MAGALHÃES, Alice Montenegro. A inspetoria de Monumentos Nacionais do Museu Histórico Nacional e a proteção de monumentos em Ouro Preto (1934-1937). **Anais do Museu Paulista**, v. 25, n. 3, p.233-290, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anaismp/a/rNcMtZVYbC4K5hDg6ZPb5cn/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 12/ fev/2023.

MATTOS, Yara. MATTOS, Ione. **Abracaldabra: Uma aventura afeto-cognitiva na relação museu-educação**, Ouro Preto-MG: EDUFOP, 2010.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de. **O conservadorismo a serviço da memória: tradição, museu e patrimônio no pensamento de Gustavo Barroso**. PUC-RJ, Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura), PPGPUC, 2003

RACIOPPI, Vicente. **Estudantes do Rio Grande do Sul em Ouro Preto**, RS,: Typ Castro, 1940.

SORGINE, Juliana (org). **Salvemos Ouro Preto – a campanha em benefício de Ouro Preto 1949-1950**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2008. Disponível em: portal.ipham.gov.br/publicação/SerPegDoc2-SalvemosOuroPreto-m.pdf. Acesso em: 22 jan, 2023.

WILLIAMS, Daryle. Vicente Racioppi: The Local Preservationist and The National State, In **The Human Tradition in Brazil**. *In: Peter M. Battie (org)*, ed